

DOMINGO II DA PÁSCOA

CIC 448, 641-646: as aparições do Ressuscitado

- 448** Muitíssimas vezes, nos evangelhos, aparecem pessoas que se dirigem a Jesus chamando-lhe «Senhor». Este título exprime o respeito e a confiança dos que se aproximam de Jesus e d'Ele esperam socorro e cura¹. Pronunciado sob a moção do Espírito Santo, exprime o reconhecimento do Mistério divino de Jesus². No encontro com Jesus ressuscitado, transforma-se em adoração: «Meu Senhor e meu Deus» (*Jô* 20, 28). Assume então uma conotação de amor e afeição, que vai ficar como típica da tradição cristã: «É o Senhor!» (*Jô* 21, 7).
- 641** Maria Madalena e as santas mulheres, que vinham para acabar de embalsamar o corpo de Jesus³, sepultado à pressa por causa do início do Sábado, no fim da tarde de Sexta-feira Santa⁴, foram as primeiras a encontrar-se com o Ressuscitado⁵. Assim, as mulheres foram as primeiras mensageiras da ressurreição de Cristo para os próprios Apóstolos⁶. Em seguida, foi a eles que Jesus apareceu: primeiro a Pedro, depois aos Doze⁷. Pedro, incumbido de consolidar a fé dos seus irmãos⁸, vê, portanto, o Ressuscitado antes deles e é com base no seu testemunho que a comunidade exclama: «Realmente, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão» (*Lc* 24, 34.36).
- 642** Tudo quanto aconteceu nestes dias pascais empenha cada um dos Apóstolos – e muito particularmente Pedro – na construção da era nova, que começa na manhã do dia de Páscoa. Como testemunhas do Ressuscitado, eles são as pedras do alicerce da sua Igreja. A fé da primeira comunidade dos crentes está fundada no testemunho de homens concretos, conhecidos dos cristãos e, a maior parte, vivendo ainda entre eles. Estas «testemunhas da ressurreição de Cristo»⁹ são, em primeiro lugar, Pedro e os Doze. Mas há outros: Paulo fala claramente de mais de quinhentas pessoas às quais Jesus apareceu em conjunto, além de Tiago e de todos os Apóstolos¹⁰.
- 643** Perante estes testemunhos, é impossível interpretar a ressurreição de Cristo fora da ordem física e não a reconhecer como um facto histórico. Resulta, dos factos, que a fé dos discípulos foi submetida à prova radical da paixão e morte

¹ Cf. *Mt* 8, 2; 14, 30; 15, 22; etc.

² Cf. *Lc* 1, 43; 2, 11.

³ Cf. *Mc* 16, 1; *Lc* 24, 1.

⁴ Cf. *Jô* 19, 31.42.

⁵ Cf. *Mt* 28, 9-10; *Jô* 20, 11-18.

⁶ Cf. *Lc* 24, 9-10.

⁷ Cf. *I Cor* 15, 5.

⁸ Cf. *Lc* 22, 31-32.

⁹ Cf. *Act* 1, 22.

¹⁰ Cf. *I Cor* 15, 4-8.

de cruz do seu Mestre, por este de antemão anunciada¹¹. O abalo provocado pela paixão foi tão forte que os discípulos (pelo menos alguns) não acreditaram imediatamente na notícia da ressurreição. Longe de nos apresentar uma comunidade tomada de exaltação mística, os evangelhos apresentam-nos os discípulos abatidos (de «rosto sombrio»: *Lc 24, 17*) e apavorados¹². Foi por isso que não acreditaram nas santas mulheres, regressadas da sua visita ao túmulo, e «as suas narrativas pareceram-lhes um desvario» (*Lc 24, 11*)¹³. Quando Jesus apareceu aos onze, na tarde do dia de Páscoa, «censurou-lhes a falta de fé e a teimosia em não quererem acreditar naqueles que O tinham visto ressuscitado» (*Mc 16, 14*).

644 Mesmo confrontados com a realidade de Jesus Ressuscitado, os discípulos ainda duvidam¹⁴, de tal modo isso lhes parecia impossível: julgavam ver um fantasma¹⁵. «Por causa da alegria, estavam ainda sem querer acreditar e cheios de assombro» (*Lc 24, 41*). Tomé experimentará a mesma provação da dúvida¹⁶, e quando da última aparição na Galileia, referida por Mateus, «alguns ainda duvidavam» (*Mt 28, 17*). É por isso que a hipótese, segundo a qual a ressurreição teria sido um «produto» da fé (ou da credulidade) dos Apóstolos, é inconsistente. Pelo contrário, a sua fé na ressurreição nasceu – sob a acção da graça divina – da experiência directa da realidade de Jesus Ressuscitado.

645 Jesus Ressuscitado estabeleceu com os seus discípulos relações directas, através do contacto físico¹⁷ e da participação na refeição¹⁸. Desse modo, convida-os a reconhecer que não é um espírito¹⁹, e sobretudo a verificar que o corpo ressuscitado, com o qual se lhes apresenta, é o mesmo que foi torturado e crucificado, pois traz ainda os vestígios da paixão²⁰. No entanto, este corpo autêntico e real possui, ao mesmo tempo, as propriedades novas dum corpo glorioso: não está situado no espaço e no tempo, mas pode, livremente, tornar-se presente onde e quando quer²¹, porque a sua humanidade já não pode ser retida sobre a terra e já pertence exclusivamente ao domínio divino do Pai²². Também por este motivo, Jesus Ressuscitado é soberanamente livre de aparecer como quer: sob a aparência dum jardineiro²³ ou «com um aspecto diferente» (*Mc 16, 12*) daquele que era familiar aos discípulos; e isso, precisamente, para lhes despertar a fé²⁴.

646 A ressurreição de Cristo não foi um regresso à vida terrena, como no caso das ressurreições que Ele tinha realizado antes da Páscoa: a filha de Jairo, o jovem de Naim e Lázaro. Esses factos eram acontecimentos milagrosos, mas

¹¹ Cf. *Lc 22, 31-32*.

¹² Cf. *Jo 20, 19*.

¹³ Cf. *Mc 16, 11.13*.

¹⁴ Cf. *Lc 24, 38*.

¹⁵ Cf. *Lc 24, 37*.

¹⁶ Cf. *Jo 20, 24-27*.

¹⁷ Cf. *Lc 24, 39; Jo 20, 27*.

¹⁸ Cf. *Lc 24, 30.41-43; Jo 21, 9.13-15*.

¹⁹ Cf. *Lc 24, 39*.

²⁰ Cf. *Lc 24, 40; Jo 20, 20.27*.

²¹ Cf. *Mt 28, 9.16-17; Lc 24, 15.36; Jo 20, 14.19.26; 21, 4*.

²² Cf. *Jo 20, 17*.

²³ Cf. *Jo 20, 14-15*.

²⁴ Cf. *Jo 20, 14.16; 21, 4.7*.

as pessoas miraculadas reencontravam, pelo poder de Jesus, uma vida terrena «normal»; em dado momento, voltariam a morrer. A ressurreição de Cristo é essencialmente diferente. No seu corpo ressuscitado, Ele passa do estado de morte a uma outra vida, para além do tempo e do espaço. O corpo de Cristo é, na ressurreição, cheio do poder do Espírito Santo; participa da vida divina no estado da sua glória, de tal modo que São Paulo pode dizer de Cristo que Ele é o «homem celeste»²⁵.

CIC 1084-1089: a presença santificadora de Cristo Ressuscitado na Liturgia

- 1084** «Sentado à direita do Pai» e derramando o Espírito Santo sobre o seu corpo que é a Igreja, Cristo age agora pelos sacramentos, que instituiu para comunicar a sua graça. Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e acções), acessíveis à nossa humanidade actual. Realizam eficazmente a graça que significam, em virtude da acção de Cristo e pelo poder do Espírito Santo.
- 1085** Na liturgia da Igreja, Cristo significa e realiza principalmente o seu mistério pascal. Durante a sua vida terrena, Jesus anunciava pelo seu ensino e antecipava pelos seus actos o seu mistério pascal. Uma vez chegada a sua «Hora»²⁶, Jesus vive o único acontecimento da história que não passa jamais: morre, é sepultado, ressuscita de entre os mortos e senta-Se à direita do Pai «uma vez por todas» (*Rm* 6, 10; *Heb* 7, 27; 9, 12). É um acontecimento real, ocorrido na nossa história, mas único; todos os outros acontecimentos da história acontecem uma vez e passam, absorvidos no passado. Pelo contrário, o mistério pascal de Cristo não pode ficar somente no passado, já que, pela sua morte, Ele destruiu a morte; e tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente. O acontecimento da cruz e da ressurreição *permanece* e atrai tudo para a vida.
- 1086** «Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra da salvação que anunciavam, mediante o Sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica»²⁷.
- 1087** Deste modo, Cristo ressuscitado, ao dar o Espírito Santo aos Apóstolos, confia-lhes o seu poder de santificação:²⁸ eles tornam-se sinais sacramentais de Cristo. Pelo poder do mesmo Espírito Santo, eles confiam este poder aos seus sucessores. Esta «sucessão apostólica» estrutura toda a vida litúrgica da Igreja; ela própria é sacramental, transmitida pelo sacramento da Ordem.

²⁵ Cf. *1 Cor* 15, 35-50.

²⁶ Cf. *Jo* 13, 1; 17, 1.

²⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, *Const. Sacrosanctum Concilium*, 6: AAS 56 (1964) 100.

²⁸ Cf. *Jo* 20, 21-23.

1088 «Para realizar tão grande obra» – como é a dispensação ou comunicação da sua obra de salvação – «Cristo está sempre presente na sua Igreja, sobretudo nas acções litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro – “o que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu outrora na Cruz” – quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas. Está presente com a sua virtude nos sacramentos, de modo que, quando alguém baptiza, é o próprio Cristo que baptiza. Está presente na sua Palavra, pois é Ele que fala ao ser lida na Igreja a Sagrada Escritura. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta os salmos, Ele que prometeu: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estou Eu, no meio deles” (*Mt 18, 20*)»²⁹.

1089 «Em tão grande obra, pela qual Deus é perfeitamente glorificado e os homens santificados, Cristo associa sempre a Si a Igreja, sua amadíssima esposa, a qual invoca o seu Senhor e por meio d’Ele rende culto ao eterno Pai»³⁰.

CIC 1342, 2177-2178: a Eucaristia dominical

1342 Desde o princípio, a Igreja foi fiel à ordem do Senhor. Da Igreja de Jerusalém está escrito:

«Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. [...] Todos os dias frequentavam o templo, como se tivessem uma só alma, e partiam o pão em suas casas; tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração» (*Act 2, 42.46*).

2177 A celebração dominical do Dia e da Eucaristia do Senhor está no coração da vida da Igreja. «O domingo, em que se celebra o mistério pascal, por tradição apostólica, deve guardar-se em toda a Igreja como o primordial dia festivo de preceito»³¹.

«Do mesmo modo devem guardar-se os dias do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo, Epifania, Ascensão e santíssimo corpo e sangue de Cristo, Santa Maria Mãe de Deus, sua Imaculada Conceição e Assunção, São José e os Apóstolos São Pedro e São Paulo, e finalmente o de todos os Santos»³².

2178 Esta prática da reunião da assembleia cristã data dos princípios da idade apostólica³³. A Epístola aos Hebreus lembra: «Sem abandonarmos a nossa assembleia, como é costume de alguns, mas exortando-nos mutuamente» (*Heb 10, 25*).

A Tradição guarda a lembrança duma exortação sempre actual: «Vir cedo à igreja, aproximar-se do Senhor e confessar os próprios pecados, arrepender-se deles na oração [...], assistir à santa e divina liturgia, acabar a sua oração e não sair antes da despedida [...]. Muitas vezes o temos dito: este dia é-vos dado para a oração e o descanso. É o dia que o Senhor fez; nele exultemos e cantemos de alegria»³⁴.

²⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7: AAS 56 (1964) 100-101.

³⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 7: AAS 56 (1964) 101.

³¹ CIC can. 1246, § 1.

³² CIC can. 1246, § 1.

³³ Cf. *Act 2, 42-46; 1 Cor 11, 17*.

³⁴ PSEUDO EUSÉBIO DE ALEXANDRIA, *Sermo de die Dominica*: PG 86/1, 416 e 421.

CIC 654-655, 1988: o nosso nascimento a uma vida nova na Ressurreição de Cristo

654 Existe um duplo aspecto no mistério pascal: pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma nova vida. Esta é, antes de mais, a *justificação*, que nos repõe na graça de Deus³⁵, «para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos [...], também nós vivamos uma vida nova» (*Rm 6, 4*). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação na graça³⁶; realiza a *adoção filial*, porque os homens tornam-se irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama aos discípulos depois da ressurreição: «Ide anunciar aos meus irmãos» (*Mt 28, 10*)³⁷. Irmãos, não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adoptiva proporciona uma participação real na vida do Filho, plenamente revelada na sua ressurreição.

655 Finalmente, a ressurreição de Cristo – e o próprio Cristo Ressuscitado – é princípio e fonte da *nossa ressurreição futura*: «Cristo ressuscitou dos mortos como primícias dos que morreram [...]. Do mesmo modo que em Adão todos morreram, assim também em Cristo serão todos restituídos à vida» (*1 Cor 15, 20-22*). Na expectativa de que isto se realize, Cristo Ressuscitado vive no coração dos seus fiéis. N'Ele, os cristãos «saboreiam os prodígios do mundo vindouro» (*Heb 6, 5*) e a sua vida é atraída por Cristo para o seio da vida divina³⁸, «para que os vivos deixem de viver para si próprios, mas vivam para Aquele que morreu e ressuscitou por eles» (*2 Cor 5, 15*).

1988 Pelo poder do Espírito Santo, nós tomamos parte na paixão de Cristo, morrendo para o pecado, e na sua ressurreição, nascendo para uma vida nova. Somos os membros do seu corpo, que é a Igreja³⁹, os sarmentos enxertados na videira, que é Ele próprio⁴⁰:

«É pelo Espírito que nós temos parte em Deus. [...] Pela participação no Espírito, tornamo-nos participantes da natureza divina [...]. É por isso que aqueles em quem habita o Espírito são divinizados»⁴¹.

CIC 976-984, 1441-1442: “Creio na remissão dos pecados”

976 O Símbolo dos Apóstolos liga a fé no perdão dos pecados à fé no Espírito Santo, mas também à fé na Igreja e na comunhão dos santos. Foi ao dar o Espírito Santo aos Apóstolos que Cristo ressuscitado lhes transmitiu o seu próprio poder divino de perdoar os pecados: «Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos» (*Jo 20, 22-23*).

(A segunda parte do Catecismo tratará expressamente do perdão dos pecados por meio do Baptismo, do sacramento da Penitência e dos outros sacramentos,

³⁵ Cf. *Rm 4, 25*.

³⁶ Cf. *Ef 2, 4-5*; *1 Pe 1, 3*.

³⁷ Cf. *Jo 20, 17*.

³⁸ Cf. *Cl 3, 1-3*.

³⁹ Cf. *1 Cor 12*.

⁴⁰ Cf. *Jo 15, 1-4*.

⁴¹ SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Epistula ad Serapionem*, 1, 24: PG 26, 585-588.

sobretudo da Eucaristia. Por isso, basta evocar aqui brevemente alguns dados fundamentais).

977 Nosso Senhor ligou o perdão dos pecados à fé e ao Baptismo: «Ide por todo o mundo e proclamai a Boa-Nova a todas as criaturas. Quem acreditar e for batizado será salvo» (*Mc* 16, 15-16). O Baptismo é o primeiro e principal sacramento do perdão dos pecados, porque nos une a Cristo, que morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação⁴², a fim de que «também nós vivamos numa vida nova» (*Rm* 6, 4).

978 «No momento em que fazemos a nossa primeira profissão de fé, ao receber o santo Baptismo que nos purifica, o perdão que recebemos é tão pleno e total que não fica absolutamente nada por apagar, quer da falta original, quer das faltas cometidas de própria vontade; nem qualquer pena a suportar para as expiar [...]. Mas apesar disso, a graça do Baptismo não isenta ninguém de nenhuma das enfermidades da natureza. Pelo contrário, resta-nos ainda combater os movimentos da concupiscência, que não cessam de nos arrastar para o mal»⁴³.

979 Neste combate contra a inclinação para o mal, quem seria suficientemente forte e vigilante para evitar todas as feridas do pecado? «Portanto, se era necessário que a Igreja tivesse o poder de perdoar os pecados, era também necessário que o Baptismo não fosse para ela o único meio de se servir destas chaves do Reino dos céus que tinha recebido de Jesus Cristo; era necessário que fosse capaz de perdoar as faltas a todos os penitentes, que tivessem pecado, até mesmo ao último dia da sua vida»⁴⁴.

980 É pelo sacramento da Penitência que o batizado pode ser reconciliado com Deus e com a Igreja:

«Os santos Padres tiveram razão quando chamaram à Penitência um “baptismo laborioso”⁴⁵. Este sacramento da Penitência é necessário para a salvação daqueles que caíram depois do Baptismo, tal como o próprio Baptismo o é para os que ainda não foram regenerados⁴⁶.

981 Depois da ressurreição, Cristo enviou os seus Apóstolos «a anunciar a todos os povos o arrependimento em seu nome, com vista à remissão dos pecados» (*Lc* 24, 47). Este «ministério da reconciliação» (*2 Cor* 5, 18), não o cumprem os Apóstolos e os seus sucessores somente anunciando aos homens o perdão de Deus que nos foi merecido por Jesus Cristo, e chamando-os à conversão e à fé; mas também comunicando-lhes a remissão dos pecados pelo Baptismo e reconciliando-os com Deus e com a Igreja, graças ao poder das chaves recebido de Cristo:

⁴² Cf. *Rm* 4, 25.

⁴³ *CatRom* 1, 11, 3, p. 123.

⁴⁴ *CatRom* 1, 11, 4, p. 123.

⁴⁵ SÃO GREGÓRIO DE NAZIANZO, *Oratio* 39, 17: SC 358, 188 (PG 36, 356).

⁴⁶ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 14^a, *Doctrina de sacramento Paenitentiae*, c. 2: DS 1672.

A Igreja «recebeu as chaves do Reino dos céus, para que nela se faça a remissão dos pecados pelo Sangue de Cristo e a acção do Espírito Santo. É nesta Igreja que a alma, morta pelos pecados, recupera a vida para viver com Cristo, cuja graça nos salvou»⁴⁷.

982 Não há nenhuma falta, por mais grave que seja, que a santa Igreja não possa perdoar. «Nem há pessoa, por muito má e culpável que seja, a quem não deva ser proposta a esperança certa do perdão, desde que se arrependa verdadeiramente dos seus erros»⁴⁸. Cristo, que morreu por todos os homens, quer que na sua Igreja as portas do perdão estejam sempre abertas a todo aquele que se afastar do pecado⁴⁹.

983 A catequese deve esforçar-se por despertar e alimentar, entre os fiéis, a fé na grandeza incomparável do dom que Cristo ressuscitado fez à sua Igreja: a missão e o poder de verdadeiramente perdoar os pecados, pelo ministério dos Apóstolos e seus sucessores:

«O Senhor quer que os seus discípulos tenham um poder imenso: Ele quer que os seus pobres servidores façam, em seu nome, tudo quanto Ele fazia quando vivia na terra»⁵⁰.

«Os sacerdotes receberam um poder que Deus não deu nem aos anjos nem aos arcanjos. [...] Deus sanciona lá em cima tudo o que os sacerdotes fazem cá em baixo»⁵¹.

«Se na Igreja não houvesse a remissão dos pecados, nada havia a esperar, não existiria qualquer esperança duma vida eterna, duma libertação eterna. Dêmos graças a Deus, que deu à sua Igreja um tal dom»⁵².

984 *O Credo relaciona «o perdão dos pecados» com a profissão de fé no Espírito Santo. De facto, Cristo ressuscitado confiou aos Apóstolos o poder de perdoar os pecados, quando lhes deu o Espírito Santo.*

1441 Só Deus perdoa os pecados⁵³. Jesus, porque é Filho de Deus, diz de Si próprio: «O Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados» (Mc 2, 10) e exerce este poder divino: «Os teus pecados são-te perdoados!» (Mc 2, 5)⁵⁴. Mais ainda: em virtude da sua autoridade divina, concede este poder aos homens⁵⁵ para que o exerçam em seu nome.

1442 Cristo quis que a sua Igreja fosse, toda ela, na sua oração, na sua vida e na sua actividade, sinal e instrumento do perdão e da reconciliação que Ele nos adquiriu pelo preço do seu sangue. Entretanto, confiou o exercício do poder de absolvição ao ministério apostólico. É este que está encarregado do «ministério da reconciliação» (2 Cor 5, 18). O apóstolo é enviado «em nome de Cristo» e «é

⁴⁷ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 214, 11: ed. P. VERBRAKEN: *Revue Bénédictine* 72 (1962) 21 (PL 38, 1071-1072).

⁴⁸ *CatRom* 1, 11, 5, p. 124.

⁴⁹ Cf. *Mt* 18, 21-22.

⁵⁰ SANTO AMBRÓSIO, *De Paenitentia* 1, 8, 34: CSEL 73, 135-136 (PL 16, 476-477).

⁵¹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *De sacerdotio* 3, 5: SC 272, 148 (PG 48, 643).

⁵² SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 213, 8, 8: ed. G. MORIN, *Sancti Augustini sermones post Maurinos reperti* [Guelferbytanus 1, 9] (Romae 1930) p. 448 (PL 38, 1064).

⁵³ Cf. *Mc* 2, 7.

⁵⁴ Cf. *Lc* 7, 48.

⁵⁵ Cf. *Jo* 20, 21-23.

o próprio Deus» que, através dele, exorta e suplica: «Deixai-vos reconciliar com Deus» (2 Cor 5, 20).

CIC 949-953, 1329, 1342, 2624, 2790: a comunhão dos bens espirituais

- 949** Na comunidade primitiva de Jerusalém, os discípulos «eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações» (Act 2, 42). *A comunhão na fé.* A fé dos fiéis é a fé *da Igreja* recebida dos Apóstolos, tesouro de vida que se enriquece na medida em que é partilhada.
- 950** *A comunhão nos sacramentos.* «O fruto de todos os sacramentos pertence a todos. Os sacramentos, e sobretudo o Baptismo, que é como que a porta por onde os homens entram na Igreja, são outros tantos vínculos sagrados que os unem todos e os ligam a Jesus Cristo. A comunhão dos santos é a comunhão dos sacramentos [...];o nome de comunhão pode aplicar-se a cada um deles, porque cada um deles nos une a Deus [...]. Mas este nome convém mais à Eucaristia do que a qualquer outro, porque é principalmente ela que consuma esta comunhão»⁵⁶.
- 951** *A comunhão dos carismas:* na comunhão da Igreja, o Espírito Santo «distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as ordens» para a edificação da Igreja⁵⁷. Ora, em cada um se manifestam os dons do Espírito, para o bem comum» (1 Cor 12, 7).
- 952** «*Eles punham tudo em comum*» (Act 4, 32): «Tudo o que o verdadeiro cristão possui, deve olhá-lo como um bem que lhe é comum com os demais, e deve estar sempre pronto e ser diligente para ir em socorro do pobre e da miséria do próximo»⁵⁸. O cristão é um administrador dos bens do Senhor⁵⁹.
- 953** *A comunhão da caridade:* na *sanctorum communio*, «nenhum de nós vive para si mesmo, e nenhum de nós morre para si mesmo» (Rm 14, 7). «Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro for honrado por alguém, todos os membros se alegram com ele. Vós sois Corpo de Cristo e seus membros, cada um na parte que lhe diz respeito» (1 Cor 12, 26-27). «A caridade não é interesseira» (1 Cor 13, 5)⁶⁰. O mais insignificante dos nossos actos, realizado na caridade, reverte em proveito de todos, numa solidariedade com todos os homens, vivos ou defuntos, que se funda na comunhão dos santos. Pelo contrário, todo o pecado prejudica esta comunhão.

⁵⁶ CatRom 1, 10, 24, p. 119.

⁵⁷ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 12: AAS 57 (1965) 16.

⁵⁸ CatRom 1, 10, 27, p. 121.

⁵⁹ Cf. *Lc* 16, 1-3.

⁶⁰ Cf. *1 Cor* 10, 24.

1329 *Ceia do Senhor*⁶¹, porque se trata da *ceia* que o Senhor comeu com os discípulos na véspera da sua paixão e da antecipação do *banquete nupcial do Cordeiro*⁶² na Jerusalém celeste.

Fracção do Pão, porque este rito, próprio da refeição dos judeus, foi utilizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como chefe de família⁶³, sobretudo aquando da última ceia⁶⁴. É por este gesto que os discípulos O reconhecerão depois da sua ressurreição⁶⁵ e é com esta expressão que os primeiros cristãos designarão as suas assembleias eucarísticas⁶⁶. Querem com isso significar que todos os que comem do único pão partido, Cristo, entram em comunhão com Ele e formam um só corpo n'Ele⁶⁷.

Assembleia eucarística («*synaxis*»), porque a Eucaristia é celebrada em assembleia de fiéis, expressão visível da Igreja⁶⁸.

1342 Desde o princípio, a Igreja foi fiel à ordem do Senhor. Da Igreja de Jerusalém está escrito:

«Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. [...] Todos os dias frequentavam o templo, como se tivessem uma só alma, e partiam o pão em suas casas; tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração» (*Act 2, 42.46*).

2624 Na primeira comunidade de Jerusalém, os crentes «eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fracção do pão e às orações» (*Act 2, 42*). Esta sequência é típica da oração da Igreja: fundada sobre a fé apostólica e autenticada pela caridade, alimenta-se na Eucaristia.

2790 Gramaticalmente, «nosso» qualifica uma realidade comum a vários. Há um só Deus, que é reconhecido como Pai por aqueles que, pela fé no seu Filho Único, renasceram d'Ele pela água e pelo Espírito⁶⁹. A *Igreja* é esta nova comunhão de Deus com os homens; unida ao Filho Único, que se tornou o «primogénito de muitos irmãos» (*Rm 8, 29*), ela está em comunhão com um só e mesmo Pai, num só e mesmo Espírito Santo⁷⁰. Ao rezar Pai «nosso», cada baptizado reza nesta comunhão: «A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma» (*Act 4, 32*).

⁶¹ Cf. *1 Cor 11, 20*.

⁶² Cf. *Ap 19, 9*.

⁶³ Cf. *Mt 14, 19; 15, 36; Mc 8, 6.19*.

⁶⁴ Cf. *Mt 26, 26; 1 Cor 11, 24*.

⁶⁵ Cf. *Lc 24, 13-35*.

⁶⁶ Cf. *Act 2, 42.46; 20, 7.11*.

⁶⁷ Cf. *1 Cor 10, 16-17*.

⁶⁸ Cf. *1 Cor 11, 17-34*.

⁶⁹ Cf. *1 Jo 5, 1; Jo 3, 5*.

⁷⁰ Cf. *Ef 4, 4-6*.